


# Os 120 anos da Academia Cearense de Letras

ANGELA MARIA ROSSAS MOTA DE GUTIÉRREZ\*

umprimento o Presidente da Academia Cearense de Letras, caro amigo, Bibliófilo José Augusto Bezerra, e todos os colegas acadêmicos, em especial os que hoje são agraciados com a Medalha Thomaz Pompeu; saúdo as autoridades presentes e os beneméritos da ACL, que contribuem para a realização dos projetos e ações da instituição e que recebem, nesta noite, a Medalha dos 120 anos da Academia. Cumprimento cordialmente os convidados e convidadas que nos honram com suas presenças.

Senhoras e senhores,

Ao atravessar os umbrais do Palácio da Luz, entre os sons desta noite de festa, parece-me ouvir vozes de tempos distantes. Distingo modos antigos do falar lusitano. É a voz do Capitão-Mor Antônio de Castro Viana, que constrói este casarão nos anos finais do século XVIII para sua moradia? Ou de Barba Alardo, governante do Ceará que, em 1808, vem estabelecer-se sob o teto da casa que o Senado da Câmara adquirira? Talvez seja a voz do Fidalgo da Casa Real, que governa a Capitania do Ceará de 1812 a 1820, Manuel Inácio de Sampaio, emitindo ordens para a reconstrução do Forte de Nossa Senhora da Assunção em alvenaria, com pedra e tijolo? Ponho a mão em concha ao ouvido e escuto melhor: São sons rimados ... ouço um soneto! Reconheço, enfim, o poema “Para o Chafariz da Vila Fortaleza”, que o palaciano Pacheco Espinosa, nascido na Ilha da Madeira, declama em

---

\* Sócia Efetiva do Instituto do Ceará.

um serão dos Oiteiros, nos primeiros brotos de vida literária que florescem em nossa cidade, em torno ao Governador Sampaio. Ouçamos duas estrofes do soneto:

Este manancial de água, o primeiro,  
Que fez surgir na Vila arte prestante,  
Para a sede saciar o caminhante,  
O sábio, o nobre, o rico, o jornalista

.....

Edificada foi incontinenti,  
No memorável, ótimo Governo,  
De Sampaio, Varão reto, ciente.

Embora nos cheguem nítidas a intenção laudatória e a platitude do poema, a simbologia do momento é também clara: este Palácio deixa entrever sua vocação para as Letras, que se confirma quando o Governador Justiniano de Serpa aqui promove sessões da Academia. E consolida-se, muito mais tarde, em 1989, quando, duas décadas depois que o Governo Estadual deixa o centro histórico da cidade para estabelecer-se no Palácio da Abolição, no Meireles, o Palácio da Luz abre suas portas para receber a Academia Cearense de Letras, desde então guardiã do rico passado de sua sede, enquanto mantém viva a chama de sua própria memória.

Pelas lentes dessa memória, assistamos à noite de 15 de agosto de 1895. Em sessão magna nos salões da Fênix Caixeiral, a Academia Cearense comemora seu primeiro aniversário. Perante acadêmicos e convidados, Dr. Thomaz Pompeu, presidente da instituição, apresta-se a ler o discurso que escrevera para a solenidade<sup>1</sup>. Um silêncio respeitoso aguarda suas palavras. Lembremos: o orador da noite é “o mestre consagrado. *Primus inter pares*”<sup>2</sup>, nas palavras de Teodorico da Costa.

---

<sup>1</sup> Thomaz Pompeu. Discurso lido para a “Academia Cearense”, na sessão magna, do 1.º aniversário, pelo seu presidente – Thomaz Pompeu de Sousa Brazil, *Revista da Academia Cearense*, Tomo 2, 1897, p.3-10.

<sup>2</sup> Antonio Theodorico da Costa. O homem-trabalho. *Revista do Instituto do Ceará*. Tomo especial em homenagem à memória do dr. Thomaz Pompeu de Souza Brazil (Presidente) e João Baptista Perdigão de Oliveira (Secretário). Fortaleza, 1929, p.62.

Ou, como diria Farias Brito: “uma glória brasileira, devendo ocupar um lugar de honra na galeria dos pensadores nacionais”<sup>3</sup>.

Retornemos à cena em que Thomaz Pompeu lê as primeiras linhas de sua oração. Depois de aludir aos “dias agitados” (referindo-se, naturalmente, às revoltas e dificuldades de consolidação da República) que não permitem as “satisfações refinadas do sybaritismo litterario”, ressalta que os colegas acadêmicos “não prestam menos serviços à pátria do que os batalhadores activos, incansáveis, que remodelam as suas instituições”, embora mantenham “a serenidade de investigadores da verdade, a convicção de que leis moraes governam os homens, as sociedades, os povos”. Comprovando o que afirma, o presidente relata que, no decorrer do primeiro ano de funcionamento da Academia, “forão successivamente discutidos ou apresentados trabalhos de real merecimento sobre architectura, mecanica, direito público constitucional, religião, flóra cearense, historia e chronica do Ceará, medicina, hygiene publica etc.”

Ao longo de sua fala, Dr. Pompeu instaura temas de grande importância para a vida da Academia, muitos ainda vigentes nos dias de hoje: o conceito da missão da Academia como criadora e difusora de conhecimento e cultura e como espaço de compartilhamento da pesquisa em ciências e letras; a pertinência da dúvida e do descontentamento como geradores de inovação; o respeito à diferença e à tradição, entre outros.

Na linha do tempo, o retorno persistente ao tema da missão e relevância da Academia permite-nos considerá-lo um de nossos *leit-motives* e instiga-nos a imaginar que o levantamento exaustivo de sua presença em textos acadêmicos tornaria possível a reconstituição de diálogo, entre vozes de diferentes épocas, enriquecedor para a história da entidade e para a consciência de sua missão nos dias que vivemos.

Na impossibilidade de reconstituir nesse momento tal diálogo, recorto alguns de seus elos, como as palavras de Mário Linhares, ao relatar que: “O ilustre Presidente Justiniano de Serpa, em notável documento, focalizou, com palavras de exaltação, o rumo traçado pela

---

<sup>3</sup> Farias Brito. Homens do Ceará. Biographia de Thomaz Pompeu, *Revista da Academia Cearense*, 1896, p.132-145.

nossa Companhia, no empenho patriótico de dirigir e incentivar o movimento das letras, das ciências e das artes, honrando e defendendo o nosso patrimônio cultural, engrandecendo o nosso nome, e desenvolvendo a nossa vida intelectual, e desvendando horizontes novos”<sup>4</sup>; e as de Artur Eduardo Benevides, nosso Presidente de Honra, poeta imenso e um dos grandes personagens da cultura no Ceará, em discurso pronunciado em 1997: “E para servir à cultura e ao Ceará existimos e existiremos. Cento e três anos já se passaram e cada vez mais se rejuvenesce a Academia, com que sonharam um dia, entre muitos, o Barão de Studart e Tomaz Pompeu”<sup>5</sup>.

Nos tempos que correm, os amigos mais assíduos às solenidades da Academia já escutaram, muitas vezes, em distintas ocasiões, algum acadêmico referir-se à nossa Academia de 1894 como a primeira, em seu gênero, no Brasil, sendo mais antiga do que a Academia Brasileira de Letras, nascida em 1897. Certamente nossos convivas continuarão a ouvir essa informação histórica, que é motivo de orgulho para nós, membros da Academia e cearenses, pois integra-nos no traço de pioneirismo de nosso povo, que sempre esteve na vanguarda de acontecimentos literários, artísticos e culturais.

Na comemoração dos 120 anos da Academia Cearense de Letras, nesta festa em que reunimos, no Palácio da Luz, acadêmicos, amigos, beneméritos e convidados ilustres, agradeço ao presidente da Casa, Bibliófilo José Augusto Bezerra, a honra que me concede ao escolher-me para ser, hoje, a voz de nossa instituição. Creio, na verdade, que prenderíamos com mais intensidade a atenção do público e traríamos maior riqueza literária e cultural à cerimônia se, simplesmente, lêssemos em sua totalidade o instigante discurso de Thomaz Pompeu há pouco mencionado. No entanto, se ganharíamos em profundidade e originalidade de pensamento, cometeríamos uma injustiça com aqueles que, no tempo transcorrido entre o primeiro aniversário da Academia Cearense e o momento em que lhes falo, escreveram e construíram, uns

---

<sup>4</sup> Mário Linhares. Preliminares. In: Manoel Albano Amora. *A Academia Cearense de Letras: síntese histórica 1894-1956*. Fortaleza: Academia Cearense de Letras/Imprensa Universitária, 1957, sem numeração de página.

<sup>5</sup> Artur Eduardo Benevides. Discurso do Presidente em seu terceiro mandato: 1997 – 1998, *Revista da Academia Cearense de Letras*, Ano XCVI, V.52, 1997, p.184.

com a pena sobre o papel e outros com a dedicação e a coragem, a história, direi, heroica, de nossa Academia. Se não poderei contar-lhes todos os capítulos dessa saga – o tempo é curto e a história é longa –, tentarei trazer alguns momentos que iluminam seu percurso.

Ao escolher alguns episódios da história da Academia para virem à luz nesta fala, inevitavelmente deixarei outros na sombra ou mal iluminados, mas, todos sabemos que, ao falar, escrever ou viver, corremos sempre o risco inerente à escolha, pois temos que optar entre isto ou aquilo, como no famoso poema de Cecília Meireles. E é a decisão que nasce dessa escolha que nos faz repetir com Riobaldo, personagem-narrador de *Grande sertão*: “Viver é muito perigoso”, e como viver e escrever podem ser duas faces da mesma moeda, direi: Escrever é muito perigoso. Consola-me, porém, a ideia de que, para suprir as sombras desta mínima crônica, o público que nos honra com sua presença poderá consultar a memória da Academia que se dá a conhecer através de registros e transcrições, inscritos não só na sua *Revista*, publicada a partir de 1896, contendo atas de reuniões, discursos comemorativos, artigos, trechos de livros, peças literárias; como através de obras de acadêmicos: *História da Literatura Cearense*, de Dolor Barreira (pioneira obra publicada pelo Instituto do Ceará), *A Academia Cearense de Letras: síntese histórica 1894-1956*, de Manoel Albano Amora, *A Academia de 1894*, de Raimundo Girão, *Literatura Cearense*, livro monumental, e *Antologia da Academia Cearense de Letras*. Edição do Centenário, as duas do pesquisador Sânzio de Azevedo, profundo conhecedor de nossa literatura, e, entre outras, mais recentemente, *Academia Cearense de Letras. História e Acadêmicos* e *Poetas da Academia Cearense de Letras (1984-2009)*, de José Murilo Martins e o livro, breve e oportuno, *A Academia Cearense de Letras e o Palácio da Luz*, do mesmo autor, em parceria com Regina Fiúza. Aliás, é preciso ressaltar que, em sua gestão como presidente, Dr. Murilo, atento à preservação de nosso patrimônio, organiza o Memorial da ACL, que abriga livros, documentos e iconografia de acadêmicos.

Resenhando o que nos contam os mencionados escritores em seus estudos sobre a Academia, salientamos que, além da data de fundação, 1894, outras se impõem como marcos decisivos de sua trajetória: as datas de reformulações, em 1922, 1930 e 1951, a de instalação no Palácio da Luz, em 1989, e a do centenário da Casa de Thomaz Pompeu, em 1994.

Nos anos finais do século XIX, em 1894, sob inspiração do Dr. Guilherme Studart, alguns intelectuais reúnem-se para a criação de uma entidade cultural e científica que recebe o nome de Academia Cearense, e elegem o respeitado intelectual Thomaz Pompeu para presidente da Casa. Não circunscrevem a ação da Academia à área de Letras, mas nela incluem, como na famosa Academia Francesa, sediada em Paris, e na Academia de Ciências de Lisboa, as áreas de Ciências e Humanidades.

Depois de alguns anos de fértil atividade, a Academia Cearense, que contava com 27 membros à época de sua fundação, após assistir à morte de alguns de seus pioneiros e à partida de outros para vários estados do país, interrompe a publicação, em 1914, da *Revista da Academia Cearense* e conhece período de inatividade. Em 1922, no entanto, a Academia reanima-se. Sob influxo do entusiasmo do escritor Leonardo Mota, estudioso dos costumes e manifestações artísticas populares, o Presidente do Ceará, acadêmico Justiniano de Serpa, com apoio e participação de Thomaz Pompeu e Guilherme Studart, congrega vários membros da Academia, que, em reuniões neste Palácio, reformam os estatutos da entidade, mudam seu nome para Academia Cearense de Letras, refinam sua área de atuação, centrando-a em Letras, ampliam o número de cadeiras para 40, adotam patronos e reelegem seu presidente. No livro *A Academia de 1894*, já citado, Raimundo Girão assim explica o prolongamento da presidência de Tomás Pompeu: “pois que Pompeu, mestre insigne, de vasta erudição e prestígio oficial e social, bastava como símbolo de um instituto de cultura...”<sup>6</sup> Na ocasião da reforma de 22, segundo informa Manoel Albano Amora<sup>7</sup>, Thomaz Pompeu sugere um dístico para a Academia - *Forti Nihil Difficile*: divisa de Lord Beaconsfield, Benjamin Disraeli, Primeiro Ministro britânico no século XIX. Até hoje, esse lema comparece em nossos insígnias e anima nossa ações.

É significativo notar que, nessa fase, pela primeira vez, a Academia convida uma mulher – Alba Valdez – para ocupar uma de suas cadeiras, demonstrando, mais uma vez, o pioneirismo cearense,

---

<sup>6</sup> Raimundo Girão. *A Academia de 1894*. p.16.

<sup>7</sup> Manoel Albano Amora. *A Academia Cearense de Letras: síntese histórica 1894-1956*, p.23.

ao adiantar-se em 55 anos à Academia Brasileira de Letras, na integração de membro feminino entre seus acadêmicos. Testemunha a ocasião, um belo, ainda que esmaecido, retrato da noite em que, no Palacete Ceará, na esquina da rua Guilherme Rocha com Floriano Peixoto, acontece a instalação da Academia de 22. Mais tarde, essa corajosa mulher, atuante na vanguarda das conquistas femininas, lembraria: “Intimamente agradeço àqueles expoentes do pensamento cearense o alto estímulo dado à minha modesta pena e foi com abundância de euforia que compareci em 8 de setembro de 1922 aos luxuosos salões do Clube Iracema para a solenidade de instalação, que esteve ao nível da grandiosidade das outras com que se comemoraram o centenário da Independência Nacional”<sup>8</sup>.

A segunda reorganização da Academia, em 1930, acontece por iniciativa de Valter Pompeu e do Presidente do Estado, acadêmico Matos Peixoto. Enfim, em 1951, acontece a reforma nos estatutos da instituição que permite a inclusão de membros da Academia de Letras do Ceará, criada em 1930, entre eles, nossa segunda acadêmica, Henriqueta Galeno. Ao registrar esse momento da Academia, lembra Sânzio de Azevedo: “Dolor Barreira, figura principal dessa fusão foi então aclamado por todos para dirigir a entidade, que experimentou uma fase de autêntico renascimento.”<sup>9</sup>

Se os fatos enunciados parecem surgidos somente da ação de algumas pessoas ou pequenos grupos, ao contextualizá-los no grande painel da cultura e da história nacional, logo percebemos que eles se relacionam a acontecimentos históricos e literários do país. Em rápidas pinceladas, recordamos 1922 como ano de efervescência política (epísódio dos 18 do Forte e eleições para presidente da República), marcado no âmbito cultural pela realização da Semana de Arte Moderna e pelas comemorações do centenário da Independência.

O ano de 30, inscrito na História pela Revolução de 30 e, no campo das Letras, pela geração regionalista, é lembrado por Alba Valdez em dimensões que ultrapassam a área da literatura: “Surgiu o ano de 30. O regime que os homens de 89 tinham proclamado como

---

<sup>8</sup> Alba Valdez. In: *Falas Acadêmicas*, p.28.

<sup>9</sup> Sânzio de Azevedo. *Literatura Cearense*, p.187.

forma ideal de governo envelhecera prematuramente, [...] O novo espírito do tempo exigia renovação, nova mentalidade e, nesse pressuposto investiu-se contra o passado, tanto na política como nos outros ramos da atividade social[...] Em relação à Academia Cearense de Letras, anunciou-se sua renovação que, de certo, marcaria brilhante acontecimento no meio intelectual contrerrâneo.”<sup>10</sup>

Em 1951, a recente redemocratização do país e a eleição de Getúlio Vargas para presidente ainda dominam o cenário nacional. No nosso estado, após o I Congresso de Poesia do Ceará, em 42, a pujante atuação do Grupo Clã e de sua Revista, comandada por Fran Martins, promovem renovação artística e literária em Fortaleza e seus principais membros, vêm, posteriormente, enriquecer a ACL, entre eles, nossos inesquecíveis Moreira Campos e Antônio Girão Barroso, que a Academia homenageará, em sessão especial, neste ano em que completam centenário de nascimento.

Um traço apontado pelos historiadores, desde as primeiras manifestações de vida literária no Ceará, é seu caráter gregário, de que são exemplos os inumeráveis movimentos, grupos e associações literárias criados em nosso estado desde início do século XIX. Com a Academia, esse traço acentua-se, acrescentando o estabelecimento de relação com outras entidades, movimentos e grupos na área de literatura e cultura. Entre as instituições culturais com mais longa e estreita relação com a Academia, salienta-se o Instituto do Ceará, criado em 1887. No decorrer de suas histórias, Academia e Instituto, em campos diferenciados de atuação, mantêm relação fraterna e de respeito, nascida com os pioneiros das duas associações e mantida até hoje, em especial fortalecida pelos intelectuais que pertencem concomitante às duas agremiações. Em recente levantamento<sup>11</sup>, de 2013, Murilo Martins encontra os nomes de 53 pessoas que, ao longo do tempo, pertenceram ou pertencem, ao mesmo tempo, às duas instituições. Assim, descobri que, das doze mulheres que, no passado e na atualidade, marcam a presença feminina na Academia, duas, Alba Valdez e quem lhes fala, participamos do quadro de sócios efetivos do Instituto.

---

<sup>10</sup> Alba Valdez. *Falas Acadêmicas*, p.29 e 31.

<sup>11</sup> José Murilo Martins. *Academia Cearense de Letras. História e Acadêmicos*, p.62-64



Não são raros os exemplos de ingresso de membros de outras associações culturais na Academia, seja concomitantemente ou em diferentes momentos, como é o caso de Thomaz Pompeu, da Academia Francesa, e o de José Carlos Júnior, da Padaria Espiritual, admiráveis agremiações que floresceram no século XIX em Fortaleza.

Além dos marcos históricos, uma baliza espacial traz novos ares à Academia: sua instalação no Palácio da Luz, em 1989, quando, depois de funcionar de 1978 a 1986 no Palácio Senador Alencar, que fora sede da Assembleia Legislativa e hoje abriga o Museu do Ceará, e em salas do Edifício Progresso, a Academia conhece sua sede definitiva. Anteriormente, como nos conta Manoel Amora, a instituição peregrinara por diferentes salões: “As sessões ordinárias realizaram-se, a princípio, no salão de honra da Fênix Caixeiral, depois, no do Clube Euterpe, no Instituto do Ceará [...], casa de residência de Walter Pompeu, Clube Iracema, Instituto Epitácio Pessoa, casa de residência de Dolor Barreira e Casa de Tomás Pompeu.”<sup>12</sup>

Permitam-me, senhoras e senhores, breve referência pessoal. Vivi até os cinco anos de idade, na casa de Thomaz Pompeu, meu bisavô, décadas após sua morte. No entanto, pela preservação do cenário em que ele vivera e pela força narrativa de minha avó, Laís Pompeu Rossas, e de minha mãe, Angela Laís Pompeu Rossas Mota, a presença do bisavô era tão densa e palpável nessa casa que, além de gerar em meu coração amor e respeito pelo grande personagem de nossa História e Cultura, a quem tenho dedicado estudos, discursos e conferências nesta Academia e no Instituto do Ceará, inspirou-me a criação de um personagem ficcional que habita dois romances de minha autoria: *O mundo de Flora* e *Luzes de Paris e o fogo de Canudos*. Fecho o parêntese.

Retornemos ao ano de 1989. Nesse ano, o presidente da Academia, Cláudio Martins, dotado de espírito visionário e de obstinação – aliás, traços de família que seu irmão, Antônio Martins Filho acentua ao liderar a criação e implantação da Universidade Federal do Ceará - consegue sucesso em suas gestões para que o Governador do Ceará, Tasso Jereissati, assine Lei que destina o Palácio da Luz para sede de nossa

---

<sup>12</sup> Manoel Soares Amora. *Academia Cearense de Letras. Síntese Histórica: 1894-1956*, p.23.

Academia,<sup>13</sup> o que se oficializa em solenidade, aqui realizada, no dia 21 de novembro do mesmo ano, 1989.

Ao transferir-se para o Palácio da Luz – a primeira reunião na nova sede ocorre em 10 de janeiro de 1990 -, a Academia Cearense de Letras inicia novo ciclo em sua história, ampliando suas ações culturais e apoiando as ações de outras importantes entidades da mesma área, que se reúnem em suas instalações. Em 1994, com o Palácio e a Academia integrados em nova vida, comemora-se o centenário da ACL com grande festa, culminada pela posse da consagrada escritora cearense Rachel de Queiroz como acadêmica. Na ocasião, o Presidente Artur Eduardo Benevides assim se expressa: “bem-vinda seja! Mais do que as portas, os corações se abrem para recebê-la, nesta noite que a História registrará, por certo, como um dos nossos maiores acontecimentos culturais, ou a grande lâmpada erguida para brilhar sobre o centenário de nossa Academia...”<sup>14</sup>

Hoje, sob presidência do Bibliófilo José Augusto Bezerra, nossa Academia vive período de intensa atividade. É justo registrar que nosso presidente, sem descuidar da continuidade de ações herdadas de gestões anteriores, lidera, com incomum dedicação e inquebrantável tenacidade, a preparação e execução de novos projetos, como a reforma da Biblioteca e o trabalho de recuperação e reorganização de seu acervo, o restauro do belo patrimônio histórico e arquitetônico do Palácio da Luz, a busca de parcerias e patrocínio para realização das metas da instituição, entre outras importantes ações para a valorização do escritor cearense e maior acesso de nossa população a bens culturais.

Permitam-me encerrar esta fala com um preito de saudade à querida acadêmica e excelente escritora Natércia Campos, falecida há onze anos, e com a transcrição das últimas palavras do discurso pronunciado por Thomaz Pompeu, em 1895, ao referir-se à missão da Academia. Suas palavras ajustam-se ainda a nosso tempo, quando a humanidade sofre com a intolerância racial, política, religiosa e de tantos outros matizes:

---

<sup>13</sup> Consultar José Murilo Martins. *Academia Cearense de Letras. História e Acadêmicos*, para maiores detalhes, sobretudo o item “Quarta fase”, p. 39-55.

<sup>14</sup> Artur Eduardo Benevides. Os cem anos da Academia Cearense de Letras e saudação a Rachel de Queiroz, *Revista da Academia Cearense de Letras*, Ano XCIV, V.50, 1993/1994, p.160.

“...a nossa missão é de amor, de *sympatia* por todos os princípios que fizeram e fazem a summa do pensamento filosófico e religioso, por todas as crenças e opiniões sinceramente admitidas – porque neste recinto todos têm os mesmos direitos de cidade, as mesmas garantias de externação, os mesmos tributos de respeito e homenagem. É um campo aberto a todos os romeiros da inteligência, no centro do qual ergue-se o altar da única divindade, que adoramos – a TOLERANCIA”<sup>15</sup>.

(Discurso pronunciado no Palácio da Luz, sede da Academia Cearense de Letras, na noite de 28 de agosto de 2014, na solenidade comemorativa dos 120 anos da instituição. A oradora ocupa a Cadeira nº 18 da Academia Cearense de Letras, sendo Diretora Cultural da entidade).

## Bibliografia Consultada

### • Publicações da Academia Cearense de Letras

AMORA, Manoel Albano. *A Academia Cearense de Letras: síntese histórica 1894-1956*. Fortaleza: Academia Cearense de Letras/Imprensa Universitária, 1957. [Coleção Diversos]

AZEVEDO, Sânzio. *Literatura Cearense*. Fortaleza: Academia Cearense de Letras, 1976. [Coleção Antonio Sales]

\_\_\_\_\_. *Antologia da Academia Cearense de Letras*. Edição do Centenário. Organização. Fortaleza: Academia Cearense de Letras/Tipoprogresso, 1994. [Coleção Diversos]

GIRÃO, Raimundo. *A Academia de 1894*. Fortaleza, Academia Cearense de Letras, 1975. [Coleção Antonio Sales]

\_\_\_\_\_. *Falas Acadêmicas*. Organização. Fortaleza. Academia Cearense de Letras, 1976. [Coleção Antonio Sales]

<sup>15</sup> Thomaz Pompeu. Discurso lido para a “Academia Cearense”, na sessão magna, do 1. aniversário, pelo seu presidente – Thomaz Pompeu de Sousa Brazil, Op. Cit., p.10.

MARTINS, José Murilo. *Academia Cearense de Letras. História e Acadêmicos*. Fortaleza: Edições ACL, 2013.

\_\_\_\_\_. *Poetas da Academia (1894-2009). Antologia*. Fortaleza: Academia Cearense de Letras/Expressão Gráfica, 2009.

\_\_\_\_\_. e FIÚZA, Regina Pamplona. *A Academia Cearense de Letras e o Palácio da Luz*. Fortaleza: Expressão Gráfica Editora, 2011. [Selo da Academia Cearense de Letras]

Coleção da *Revista da Academia Cearense* e *Revista da Academia Cearense de Letras*, Fortaleza, de 1896 a 2013.

#### • Publicações do Instituto do Ceará

*Revista do Instituto do Ceará*, Tomo especial em homenagem à memória do dr. Thomaz Pompeu de Souza Brazil (Presidente) e João Baptista Perdigão de Oliveira (Secretário). Fortaleza, 1929.

BARREIRA, Dolor. História da Literatura Cearense. Fortaleza: *Instituto do Ceará*, 1948. [História do Ceará]